

RACIONALIDADE TÉCNICA E AGIR HUMANO: UMA CRÍTICA A PARTIR DO PENSAMENTO DE HANS JONAS

Fábio Henrique Duarte
Mestre em Filosofia UFT/ Campus de Palmas.
Eliane Mittelstad Martins de Souza
UFT/ Campos Palmas
Comunicação livre
Cultura e processos educacionais

O mundo contemporâneo é caracterizado por uma crise ética apresentada por novos desafios à ação intersubjetiva humana, dentre eles a questão da técnica. A partir do pensamento do filósofo alemão Hans Jonas, reflete-se sobre a técnica transformando o agir e a essência humanos. Sua ética efetiva-se a partir dos dilemas advindos da consolidação de uma técnica radicalmente nova. Neste contexto da técnica moderna, a ética precisa superar o antropocentrismo, que caracterizou a ética tradicional. A pesquisa empreendida é bibliográfica, destacando a leitura das obras de Jonas, em especial, “O Princípio Responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”, e autores contemporâneos que apresentam visões sobre a crise ética e sua relação com a técnica moderna. Busca-se refletir a problemática ética contemporânea e seus desafios; compreender criticamente a modernidade tendo como referência a relação *práxis*, *techne* e racionalidade; analisar a ética proposta por Jonas como resposta ao mundo técnico-científico moderno. Objetiva-se compreender de modo crítico e reflexivo os desafios propostos ao agir humano no mundo contemporâneo a partir da questão da técnica.

Palavras-chave: ética; técnica; responsabilidade.

1. INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo é marcado por uma crise ética em que a tradição é questionada por não mais permitir balizar a ação humana. Neste contexto, dá-se o aparecimento de novos desafios para o agir humano, tais como a ecologia, a bioética e a ética pós-tradição (Cf. MACINTYRE, 2001; GOERGEN, 2001; OLIVEIRA, 2000), que possibilita o surgimento de outros modos de pensá-la.

A partir desta percepção, busca-se refletir sobre estes desafios, compreender criticamente a modernidade tendo como base a relação *práxis*, *techne* e racionalidade, tomando como referência de análise a ética proposta pelo filósofo Hans Jonas como compreensão do mundo técnico-científico, destacando-se a sua obra “O princípio responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”.

Com tais temas, a partir da reflexão do filósofo alemão Hans Jonas, destaca-se a reflexão sobre a técnica, como marca fundamental da cultura moderna, que se caracteriza pelo domínio humano sobre a natureza. Esta disposição acarreta a transformação do agir humano e de sua essência. A ética proposta por Hans Jonas efetiva-se a partir de problemas e questões advindos da consolidação de uma técnica radicalmente nova.

Neste contexto da técnica moderna, a ética necessita superar o antropocentrismo, marca distinta das éticas tradicionais, e enxergar um direito moral para a natureza a fim de que seja garantida a continuidade da existência humana (Cf. JONAS, 2006).

A pesquisa ora empreendida busca refletir a problemática ética contemporânea e seus desafios; compreender criticamente a modernidade tomando como referência a relação *práxis, techne* e racionalidade; e analisar a ética proposta por Hans Jonas como resposta ao mundo técnico-científico moderno. O escopo precípuo é compreender de modo crítico e reflexivo os desafios propostos ao agir humano no mundo contemporâneo a partir da questão da técnica.

A importância da leitura da filosofia moral de Hans Jonas reside na resposta que se apresenta aos desafios éticos contemporâneos, em que avulta o papel da técnica na redefinição do agir humano.

Ressalta-se ser uma pesquisa bibliográfica em andamento, destacando-se a leitura das obras de Jonas, em especial “O Princípio Responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”, bem como de autores analisados e outros que possibilitem o aprofundamento sobre o tema. Desenvolve-se por meio de análise de modo crítico das obras do pensador alemão Hans Jonas, através de fichamentos, resumos e interpretações, enfatizando a compreensão do Princípio Responsabilidade, além da análise de outros autores fundamentais da contemporaneidade, que apresentam visões sobre a crise ética e seu envolvimento com a técnica moderna.

2. A CRISE ÉTICA CONTEMPORÂNEA E O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE, DE HANS JONAS.

A pesquisa ora em desenvolvimento efetivou-se inicialmente pela leitura sobre a ética contemporânea e seus desafios destacando-se a obra de Hans Jonas “*O princípio Responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*”, em busca da compreensão de seus conceitos fundamentais.

Assinala-se que o mundo contemporâneo é caracterizado por uma crise ética (para além da ética tradicional, fundamentada em um universalismo, e para além do ideal iluminista de fundamentação racional do agir humano) que se apresenta a partir de novos desafios à ação intersubjetiva humana, tais como a crise ecológica, a bioética, o desafio tecnológico, o controle sobre a vida.

Avulta nestes questionamentos uma crítica e um confronto com a Modernidade, principalmente em relação àquele que foi o movimento filosófico de sua autoconsciência, o Iluminismo. Para subsidiar esta reflexão há uma espécie de reabilitação da filosofia e da herança aristotélica (Cf. BERTI, 1997, p.229-84). Nesta perspectiva, pode-se pensar num autor como MacIntyre, que utiliza Aristóteles para se contrapor à herança nietzschiana no que diz respeito a falência do projeto iluminista de fundamentar racionalmente a ética (Cf. MACINTYRE, 2001 e 2003). De outro lado, um autor como Hans Jonas situa-se neste panorama, resgatando Aristóteles a partir da *phronesis*, para fundamentar a ação humana em uma sociedade moderna marcada pela técnica, com seus desafios e dilemas.

Conforme Brüseke (2002), a técnica era reconhecida como um meio utilizado pelo homem para alcançar fins específicos. O autor afirma a ocorrência de um fenômeno histórico que modifica a racionalidade de fins (racionalidade que empreendia a ação utilizando-se dos meios alcançados pela técnica e do desenvolvimento da técnica). Refere-se ao acontecimento que emerge na Europa, no fim da Idade Média, chegando até o momento antecedente à Revolução Industrial, a saber: a fabricação e manipulação de artefatos e instrumentos, bem como a empresa capitalista.

No ideal de progresso almejado nesta época, busca-se a ampliação da capacidade de desenvolvimento do mundo e, na empresa capitalista, da produção. Elaboram-se instrumentos visando seus incrementos e a procura por fabricar tais instrumentos

desenvolve-se a tal ponto que o homem principia a construção de instrumentos, meios que ainda não possuem um fim específico.

É uma técnica nova, chamada por Brüseke de técnica moderna, que ultrapassa a racionalidade que ligava os meios aos fins (racionalidade de fins), construindo meios que ainda não possuem finalidade. Destaca-se a percepção de que a técnica se desenvolve a margem dos objetivos do homem que a criou, promovendo regras próprias para si.

O próprio homem torna-se objeto da técnica que a utiliza intervindo nas condições humanas relativas à vida, como o seu prolongamento, o controle de comportamento, a manipulação genética. O homem, por meio da tecnologia, age sobre o homem, intervindo em sua própria natureza; age também sobre a natureza e o meio ambiente, numa dimensão de grandeza e poder que ultrapassa temporalidade, pois os efeitos são cumulativos e irreversíveis, alcançando as gerações futuras (Cf. GIACÓIA JUNIOR, 2000; ZUBEN, 2006).

As éticas tradicionais não identificariam tais elementos atuais, conseqüentemente não incorporariam em suas reflexões as problemáticas deles oriundas. O âmbito da ética tradicional se constituía de homens contemporâneos sendo limitado pela previsibilidade da vida humana, com um agir ético instalado na proximidade e no imediato. Bellino (1997) cita os argumentos de Jonas para o qual nenhuma ética [nos pressupostos da ética tradicional] considerava a condição da vida humana e o futuro das gerações, assim como as novas capacidades para o agir humano, que requereriam novas regras éticas, ou mesmo uma nova ética.

Das questões instauradas e do espaço desprovido da ponderação ética, surge a necessidade de reflexão verificando se a lacuna poderá ser preenchida dentro dos pressupostos das éticas antigas ou serão necessários novos parâmetros éticos.

Assim, entre as diversas correntes éticas contemporâneas, Hans Jonas surge ressaltando os dilemas relativos aos problemas advindos da efetivação de uma técnica humana radicalmente nova que caracteriza o período moderno. Giacóia Júnior (2000, p. 193-5) apresenta Jonas como filósofo que volta sua atenção para as “questões éticas suscitadas pelo progresso da tecnologia”. Esta preocupação marca sua obra “Princípio Responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”, que poderia ser, na verdade, um “*Tratatus tecnológico-ethicus*”, obra esta “cujo *telos* subjacente é reencontrar o ideal grego de medida, de pensamento anti-*hybris*, que vincula ética à idéia de limite, moderação, contenção e austeridade.”

Hans Jonas, em sua tematização dos desafios éticos, mostra-se aristotélico, porém expõe que as éticas da proximidade e da presença, assinalando uma perspectiva antropocêntrica para ética, não conseguem responder às questões instauradas pelo progresso científico e pela técnica moderna. Aponta que a práxis coletiva permeada pela alta tecnologia mantém-se como “terra de ninguém” que reclama uma ética capaz de impedir “o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos.” (JONAS, 2006, p. 21).

Na perspectiva do pensador alemão, a idéia de progresso vincula-se ao programa baconiano na qual “saber é poder”. No desdobramento deste programa que marca a Modernidade, aparece a questão do progresso dividida em duas questões: a problemática do progresso ético e do progresso da civilização, este último marcado sobremaneira pelo progresso científico e técnico. Neste sentido, a busca do progresso científico é um dever de conhecer, qualquer que seja seu preço; a técnica, por sua vez, como instrumento elaborado da ciência, se assume como transformadora do mundo, porém impõe-se não como um meio, contudo como finalidade, mostrando “a ‘conquista

da natureza' como vocação da humanidade": o *Homo faber* superior ao *Homo sapiens* (Cf. JONAS, 2006, p. 272).

Diante dos desafios do mundo moderno, ocorre uma mudança na natureza das ações humanas. Uma nova natureza afetada pela técnica em que até mesmo o homem é seu objeto. Isto leva a que se conclame por uma ética que tenha na preservação do homem e de sua essência um de seus princípios fundamentais. Esta ética está obrigada a controlar o poder obrigado pelo saber: de agir sobre o homem (prolongamento da vida, controle de comportamento, manipulação genética), bem como sobre o extra-humano afetando sua existência, um poder sobre a natureza e a compulsão de exercê-lo a ponto de esgotar o ambiente necessário a sobrevivência humana. O poder de primeiro grau (poder sobre a natureza) transmutado em poder de segundo grau (da autoimpulsão da própria técnica que marca a Modernidade) deve ensejar um poder de terceiro grau limitador do poder anterior, mostrando as perspectivas de uma ética responsável. (Cf. JONAS, 2006, p. 237).

A partir deste contexto, esta ética carece superar o antropocentrismo e enxergar na natureza um direito moral, pois o imperativo para a existência de qualquer ética é a existência humana impossível na inexistência da natureza. Mesmo toda ética da consumação no mais-além (ética do futuro ou éticas utópicas) não acompanha o excesso do poder de fazer. Não admitindo a possibilidade da aposta tendo certo que o homem existirá, cumpre-se a elaboração de uma ética que considere a obrigação incondicional de existir, o imperativo da existência da humanidade, e o imperativo ontológico da idéia de homem que nos diz como ele deve ser. O temor para com os efeitos da técnica sobre o futuro (o caráter irreversível e cumulativo) enseja sua defesa de uma heurística do medo na qual o mau prognóstico tem primazia sobre o bom, significando o consentimento com a predição de que o futuro tende a destruição.

A resposta para todo este drama ético contemporâneo remete a construção de uma ética baseada no *princípio responsabilidade*. A responsabilidade é entendida não como enunciadora de fins, mas impondo-se para o agir humano provocador de resultados dos quais é possível exigir que se preste contas. Emerge o dever do poder (causal), uma responsabilidade não apenas pelas conseqüências da conduta, mas pela reivindicação do agir pelo objeto que necessita existir. Ela é um correlato do poder e os efeitos do poder geram o conteúdo do dever, só possível reivindicado pelo Ser (Cf. JONAS, 2006, p. 215-9). Resumida nos conceitos de totalidade (que abarca todos os aspectos do Ser, da existência aos seus interesses), continuidade (na averiguação da historicidade do antes, agora e o que virá) e futuro (priorizando o futuro mais do que o imediato), é o "complemento moral para a constituição ontológica do nosso Ser temporal" (Cf. JONAS, 2006, p. 187).

A ética da responsabilidade rejeita o determinismo evocado pela utopia, cujo exemplo maior é o marxismo. Esta utopia afirma que não é possível escapar ao destino do progresso. Um temor do progresso tecnológico auto-propulsor e de seu poder capaz de provocar a extinção do homem ou do humano devendo ser refreado pela prudência, que provoca horror diante da desfiguração do homem e recupera o respeito ao Ser humano.

A importância da leitura da filosofia moral de Hans Jonas reside na resposta que se apresenta aos desafios éticos contemporâneos, em que avulta o papel da técnica na redefinição do agir humano. A sua resposta às questões éticas apresentadas pela Modernidade remete a uma redefinição da formação do ser humano, processo este que articula a educação com a ética. Assim, a ética baseada no *Princípio Responsabilidade* unifica leituras éticas, educacionais e culturais, a partir de uma visão de totalidade, que

caracteriza a postura filosófica, na busca de enfrentar de modo lúcido, reflexivo e crítico questões precípua de nossa contemporaneidade.

3. RESULTADOS PARCIAIS

Apresentam-se, como conclusões preliminares da pesquisa em andamento, alguns pontos básicos: tem-se que a ética contemporânea necessita solucionar as questões levantadas, na Modernidade, que ultrapassam a tradição e a metafísica, levando ao surgimento de uma ética *pós-tradição* e *pós-metafísica*.

O momento de crise ética é fomentado por estes dois elementos: de um lado, na inabilidade de promover argumentos para a universalização de preceitos morais; de outro, a reflexão de que as concepções de racionalidade do homem não dão conta das respostas para a subjetividade humana, tornando-se necessário pensar uma ética pós-metafísica.

Envolvido neste ínterim, o homem adquiriu sobre o mundo uma capacidade nova, atual, desenvolvendo a *técnica* de tal forma que ela transformou os modos de agir humanos. Tal modalidade técnica também é nova, pois edificou um poder que se aparece como desvinculado de seu criador (Cf. JONAS, 2006). Muda substancialmente a natureza da racionalidade: da *racionalidade fim*, em que as técnicas eram criadas como meios para alcançar objetivos, para *racionalidade técnica*, em que a técnica é criada ainda sem objetivos a alcançar, detendo uma capacidade de agir sobre o extra-humano e também sobre o humano.

A técnica moderna advinda do excesso de êxito do progresso científico e tecnológico implantou problemas referentes a natureza modificada e consumida (contínua e irreversivelmente) sendo possível enxergar seu esgotamento impossibilitando a existência humana, como também questões relativas a transformação do homem e do seu Ser.

Jonas (2006) apresenta a necessidade de uma ética nova, uma *ética da responsabilidade*, que visualize os novos problemas e compreenda que o temor sobre a impossibilidade do futuro exige uma *heurística do medo*, uma atitude de temor sobre a técnica.

Até esta etapa da pesquisa, percebeu-se que alguns argumentos desenvolvidos por Jonas não suplantaram seus antecessores, a quem ele critica. Primeiro, ao tentar justificar sua ética em um Ser na qual existe um valor, por isso deve existir, reitera as éticas antropocêntricas as quais confrontava. Por outro lado, na busca por superar as éticas tradicionais amarradas a reciprocidade (o outro e o agora) configurando um futuro para as gerações seguintes, advoga uma ética da responsabilidade, mas que se projeta como ética tecnofóbica, ou ainda uma pedagogia fóbica (Cf. Lebrun, 475), que não alcança a efetivação como ética prática para o contemporâneo científico-tecnológico, nem como ética política, que é sua principal defesa.

O julgamento de Jonas, sendo maniqueísta, acusa a técnica, mas ainda ficam possibilidades de encontrar naqueles que a defendem argumentos que não suplanta. Fica, ainda, a problemática se a técnica pode ser outra que não o mal absoluto, ou mesmo se os conflitos éticos não são mais profundos (se a técnica é a culpada) e estão mascarados por questões de aparência fundamental.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- BELLINO, Francesco. *Fundamentos da Bioética. Aspectos antropológicos, ontológicos e morais*. Bauru, SP: Edusc, 1997.
- BERTI, Enrico. *Aristóteles no século XX*. São Paulo: Loyola, 1997.
- BRÜSEKE, Franz Josef. *A modernidade técnica*. IN: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº. 49. São Paulo, junho/2002. ISSN 0102-6909. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200009. Acessado em: 11/julho/2009.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Hans Jonas: o princípio responsabilidade*. IN: OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, pp. 193-206.
- GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas: Autores Associados, 2001. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 79)
- JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC - Rio, 2006.
- LEBRUN, Gérard. *Sobre a tecnofobia*. IN: NOVAES, Adauto (org). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude*. Bauru: EDUSC, 2001.
- _____. *Justiça de quem? Qual racionalidade?* São Paulo: Loyola, 2003.
- OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PEGORARO, Olinto. *Introdução à ética contemporânea*. Rio de Janeiro: Uapê, 2005.
- ZUBEN, Newton Aquiles von. *Bioética e Tecnociências. A saga de Prometeu e a esperança paradoxal*. Bauru, SP: Edusc, 2006.